

Por **Josely Teixeira Carlos**

Professora e Pesquisadora

Canção: “Populus”

Autor: Belchior

Álbum: *Coração selvagem* (Warner, LP, 1977)

Produtor: Mazzola

*** Letra:**

1. Populus, meu cão, / o escravo indiferente que trabalha / e, por presente, tem migalhas / sobre o chão. / Populus, populus, populus, meu cão

populus, meu cão

populus, meu cão. //

2. Primeiro, foi seu pai, / segundo, seu irmão, / terceiro: agora é ele, agora é ele, agora é ele / de geração, em geração, em geração. // 3. No congresso do medo internacional / ouvi o segredo do enredo final / sobre populus, meu cão, / sobre populus, meu cão: / – Documento oficial em testamento especial / sobre a morte, sem razão, / de populus, meu cão, / de populus, de populus, de populus. // 4. Populus, populus, populus, meu cão / populus, populus, populus, meu cão! / Delírios sanguíneos, espumas nos teus lábios... / Tudo em vão. // 5. Tenho medo de populus, meu cão, / roto no esgoto do porão. / De populus, de populus, de populus, meu cão. / Seu olhar de quase gente, / as fileiras dos seus dentes! / Trago o rosto marcado / e eles me conhecerão, me conhecerão, me conhecerão, me conhecerão. // 6. Populus, populus, populus, meu cão. (3 vezes) / S. O. S. (2 vezes)

** Transcrição de minha responsabilidade.*

Leia mais em: <http://discosediscursos.wixsite.com/josyteixeira/colunadiscosediscursos>

Discos e Discursos Promoções Culturais e Acadêmicas

Josely Teixeira Carlos - Jornalista Responsável (MTB 18994)

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do conteúdo desta coluna em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, com a autorização escrita da autora e menção ao endereço

<http://discosediscursos.wixsite.com/josyteixeira/colunadiscosediscursos>.

1977-2018, *Populus*, o cão, uma canção-denúncia de Belchior

1977, *Regime Militar no Brasil tendo à Presidência Ernesto Geisel*. No campo musical, os holofotes ainda estavam voltados para “Como nossos pais” e “Velha roupa colorida”, gravadas por Belchior um ano antes em *Alucinação*, com grandioso sucesso também na interpretação de Elis Regina em *Falso brilhante*, mas talvez “Populus” desvelasse muito mais a crueza pela qual passava o Brasil naquele momento. Exatamente por isso, a intenção inicial de Belchior era gravá-la em 1976, no disco que justamente deveria ter-se chamado *Populus*. Mas a letra, de título original “Populus, meu cão” (que traz o termo em latim para *povo, nação, pessoas, gente*), foi censurada e só viria a ser gravada em 1977 no álbum *Coração selvagem*.

Terceiro álbum da carreira do cearense, o LP foi lançado pela Warner Music, nova gravadora, e é o segundo com produção de Marco Mazzola – que foi o responsável pela escolha da palavra *alucinação* para dar nome ao disco, pois, como declarou, era “mais poderoso e definia melhor a obra”.

Coração selvagem, como indica a expressão, introduz na carreira de Belchior, para além da imagem do homem *seco*, fortemente explorada em *A palo seco* (1974) e *Alucinação* (1976), o componente erótico e sensual, já explícito na foto da capa do disco, que mostra somente o rosto de Belchior com o torso nu; bastante diferente de seus dois primeiros LPs, pela primeira vez ele aparece de olhos abertos, como se encarasse fixa e selvagemmente o espectador-ouvinte. Essa manifestação de um personagem que possui apelo sexual, tal qual Elvis Presley, James Dean e Marlon Brando, surge então na canção-título do disco, “Coração selvagem”, que abre o lado A.

Nesse contexto lúbrico e sem o especificador

“meu cão” no título, como forma provavelmente de que a retirada da *precisão possessiva* pudesse “tranquilizar” os censores para o real sentido da música, emerge “Populus”, quase no finalzinho do álbum, em penúltima faixa do disco.

“Populus”, uma ciranda-rock quase psicodélica ao final, em uma leitura de superfície, narra de modo aparentemente desprezioso a história de vida de um cachorro de nome Populus, infeliz, desgraçado, miserável. Na verdade, ao ser lançada – pelo autor de *Alucinação*, música e disco – no contexto da ditadura militar no Brasil, a canção traz em sua cenografia a dureza da vida do povo e funciona como metáfora da vida dos próprios brasileiros numa época de restrição à liberdades individuais e sociais, que culminava com torturas e mortes (o mesmo acontece em outra letra do disco, o rock “Caso comum de trânsito”). Nesse cenário, a delicadeza do canto de Belchior – que começa com um ninar inicial – cumpre o papel de amenizar a crueldade da qual trata na letra.

Nela, *quem fala* é o dono do cão. O dono do Povo (*Populus, meu cão*) anuncia ele mesmo a condição de opressão e apatia pela qual passa *seu cão*: (...) *o escravo indiferente que trabalha / e, por presente, tem migalhas / sobre o chão*.

Repetindo insistentemente ser *dono do cão* (*populus, meu cão / populus, meu cão*), ele revela que esses *domínio* e *sujeição às/das* pessoas-cães são perenes e foram herdados ao longo do tempo, seja nos períodos de escravidão, seja nos de ditadura: *Primeiro, foi seu pai, / segundo, seu irmão, / terceiro: agora é ele, agora é ele, agora é ele / de geração, em geração, em geração*.

Ao descrever o destino de *Populus* (*a morte, sem razão*, referindo-se aos mortos nos porões da ditadura) e aludindo ao título do poema “Congresso internacional do medo”, do escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade, o dono do cão descortina que circula nos meios institucionais

da Política (*No congresso do medo internacional / ouvi o segredo do enredo final*) e do Judiciário (*Documento oficial em testamento especial*) e faz uma menção *in* direta ao DOPS, o Departamento de Ordem Política e Social criado em 1924 e implementado no Regime Militar pós-64 para controlar o cidadão e vigiar as manifestações políticas, bem como as atividades intelectuais, sociais e partidárias de cunho comunista.

O dono do povo-cão retrata também a incapacidade de Populus diante de sua submissão e sofrimento (impostos por seu dono), num ambiente bárbaro de torturas: *Delírios sanguíneos, espumas nos teus lábios... / Tudo em vão.*

O sujeito que narra afirma ironicamente *ter medo de populus, seu cão*, e coloca em evidência sua posição de opressor com relação à situação degradante de Populus, o oprimido, ao considerá-lo como bicho, “não-gente”: (...) *roto no esgoto do porão. (...) / Seu olhar de quase gente, / as fileiras dos seus dentes!*

E finalmente, o dono do cão confessa que, apesar

de suas declarações de *ser indefeso (Tenho medo de populus)* e de suas máscaras, o reconhecimento de sua identidade tirânica por outros membros do *populus*, do povo, da nação, é fatal: *Trago o rosto marcado / e eles me conhecerão, me conhecerão, me conhecerão, me conhecerão.*

Encerrando “Populus”, como redenção, o povo-cão por fim se rebela contra o discurso autoritário de seu algoz e irrompe em fala, são 33 segundos de pedido de Socorro: *S. O. S.*, grita desesperadamente o povo-cão! Nessa dissonância, em que prevalece arbitrariamente a voz do opressor, está o cerne da canção-denúncia de Belchior, que restitui a voz ao oprimido.

Fim de janeiro de 2018, Democracia. O Presidente da República Federativa do Brasil, Michel Temer, aparece em programa dominical de um dos maiores comunicadores da história do País, Silvio Santos, para divulgar à nação em grande massa suas Reformas, com destaque para a Reforma da Previdência. Mas o que isso tem a ver com “Populus”? Leia/Escute a canção e interprete você mesmo!